



PRESENÇA DA IMPRENSA LITERÁRIA FORTALEZENSE NA HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE

Luciana Brito¹

RESUMO: Durante a segunda metade do século XIX, a atividade artística, principalmente a literária, foi intensa e fecunda em Fortaleza. Intelectuais formavam agremiações a fim de discutir os mais variados assuntos, principalmente os literários. O pesquisador cearense Leonardo Mota (1938), tendo como intuito realizar levantamento das academias e grêmios literários que surgiram entre 1870 e 1939, responsáveis pela propagação das letras no Ceará, concluiu que, de 1870 até 1900, foram trinta e sete os grupos que atuaram no contexto intelectual cearense, em especial na cidade de Fortaleza. De acordo com os estudiosos, como é o caso de Dolor Barreira (1948), foi de extrema importância para a história da literatura cearense as revistas e jornais literários veiculados por essas agremiações.

PALAVRAS-CHAVE: Academias Literárias. Imprensa. Literatura Cearense.

ABSTRACT: In the second half of the nineteenth century, although various factors contributed to the economic and political decline of Ceará, the artistic activity, mainly the literary, was intense and fruitful in Fortaleza. Several intellectuals formed associations, places for social relations where they discussed a variety of issues, especially the literary ones. Leonardo Mota (1938), a writer from Ceará, seeking to make a survey of the academies and literary groups that emerged between 1870 and 1939 and were also responsible for the spread of literature in Ceará, concluded that from 1870 to 1900 there were thirty seven groups acting within the intellectual context of Ceará, being most of them from the city of Fortaleza. According to several scholars like Dolor Barreira (1948), the literary magazines and journals carried by those associations, were of extreme importance to the history of Literature in Ceará.

KEYWORDS: Literary Academies. Press. Literature in Ceará.

Cabe salientar que a evolução das nossas letras se processou, outrossim, derredor de simples revistas literárias, autônomas [...] Em torno delas, com efeito, movimentavam-se vibrantes e intensíssimas agitações espirituais, de irrecusável influência, na incrementação do nosso patrimônio literário.

Dolor Barreira (1948)

Ao longo do século XIX, a cidade de Fortaleza constituiu-se uma das mais importantes cidades cearenses, atuando, decisivamente, no escoamento da produção regional bem como na importação de diversos bens manufaturados, ou seja, servindo como verdadeira porta de saída e entrada da Província. Esse contexto de significativo crescimento econômico, seguido de avanço urbano, expansão populacional e relativo progresso cultural, tornou-se campo razoavelmente fértil às práticas jornalísticas que evoluíram, consideravelmente, junto à comunidade cearense, durante aquela época.

A imprensa foi uma das mais destacadas do Nordeste e mesmo do Brasil, tanto pela quantidade, quanto pela qualidade de seus periódicos. Assim, além de ter sido uma das primeiras localidades cearenses a possuir jornais, Fortaleza teve algumas das mais perenes folhas, em termos provinciais/estaduais, as quais chegaram a circular por várias décadas. O jornalismo praticado nessa cidade portuária acompanhou, passo a passo, de modo muito próximo, a evolução do conjunto da imprensa brasileira do século XIX.

O porto de Fortaleza não representou apenas “a porta de entrada” da Província, em termos do comércio de mercadorias, servindo também à circulação de informações, ideias e opiniões, pois, durante significativo período, as notícias chegavam ao Nordeste, através dos jornais do Rio e da Europa, vindos de navio. Jornais da Corte também reproduziam informações (e opiniões) prestadas pelas folhas de Fortaleza.

Ao lado dessa circulação de notícias, a imprensa fortalezense agiu constantemente na emissão e construção de uma prática discursiva, dando voz aos mais variados grupos, frente aos partidos políticos que estavam em atividade no contexto regional e nacional, notadamente durante a formação do Estado Nacional Brasileiro e a transição da Monarquia à República.

O crescimento da imprensa fortalezense, no século XIX, acompanhou o processo de desenvolvimento do jornalismo brasileiro, mormente do nordestino, tanto no aspecto cronológico, quanto nas estruturas de organização e sustentação. Mesmo com alguma defasagem com relação aos progressos das atividades jornalísticas na Capital imperial/Federal, o jornalismo na cidade de Fortaleza desenvolveu-se de modo coetâneo, como da maior parte da conjuntura nacional, e chegou a ser pioneiro, se relacionado com a conjuntura regional.

Em Fortaleza, em 1816, possivelmente já circulavam as chamadas “folhas” ou “folhetos”, dos quais quase não há registros. Segundo Montenegro (2004), estes chegavam à população letrada através da ação de agentes maçônicos-revolucionários que, em viagens pela região, os distribuía com o intuito de favorecer a formação de um projeto libertário. Sabe-se apenas que eram manifestações contra o sistema

monárquico-absolutista e contra a opressão praticada na colônia, como é o caso de *O Preto e Bugio no mato*, duas folhas revolucionárias sobre as quais não se têm notícias precisas, sabe-se apenas que foram proibidas e recolhidas pelo governo.

Segundo Montenegro (2004), dentro de um critério oficial, o *Diário do Governo do Ceará* foi o primeiro jornal cearense, cujo redator, Padre Melo Mororó, o utilizava como meio de divulgação de suas convicções liberais, tendo se envolvido no embate da Confederação do Equador. Entretanto, segundo informações de Studart, circulou antes do jornal oficial, a *Gazeta do Ceará*: “Realmente houve uma gazeta no tempo daquele notável homem de governo, mas essa não era impressa, redigia-a o próprio Sampaio, que a fazia circular; posso afirmá-lo, pois, que tal gazeta faz parte de meu arquivo. Chamava-se *Gazeta do Ceará*” (STUDART, 1924, p. 34).

A imprensa em Fortaleza desenvolveu-se num processo no qual podem ser identificadas três fases: a primeira, no início do século XIX, foi marcada pelas origens das atividades jornalísticas na cidade; a segunda, desde a metade da década de quarenta até e final da de sessenta - ambos do século XIX - caracterizou-se por um crescimento e diversificação dos periódicos, surgindo, então, a maior parte dos diários de extensa longevidade e a imprensa literária; e a terceira, nas três últimas décadas do século XIX, quando se deu um processo de amplo desenvolvimento e apogeu do jornalismo, até os prenúncios da crise que culminaria com o declínio, na virada daquela centúria para a seguinte.

A divulgação de matéria literária constituiu-se uma tradição junto à imprensa cearense, especialmente nos jornais diários que, desde cedo, dedicaram algum espaço em suas páginas para apresentar trechos de obras literárias, através da seção “Folhetim”. Esta seção, no entanto, destinava-se, essencialmente, a divulgar escritos de autores estrangeiros ou de renomados escritores brasileiros, ou seja, os “clássicos” da literatura, não ocorrendo maiores oportunidades para os poetas e prosadores da conjuntura local ou regional. Além disso, os folhetins eram apresentados ao “pé-de-página”, e apareciam (ou desapareciam) de acordo com o espaço disponível, não sendo considerados matéria imprescindível à publicação como um todo (MONTENEGRO, 2004). A seção “Folhetim” caracterizava-se, ainda, por uma simples transcrição das obras, não havendo qualquer preocupação em abordar mais profundamente ou discutir aspectos ligados à literatura como a temática, a história ou a crítica.

Foi somente a partir do final da década de setenta que passou a desenvolver-se um jornalismo essencialmente vinculado à divulgação literária. Repetindo um fenômeno que se dava nas maiores cidades do país, as folhas literárias eram, normalmente, iniciativa dos próprios autores ou de indivíduos ligados à difusão da

literatura, em geral, pertencentes a agremiações literárias e/ou culturais (SODRÉ, 1966). Esses periódicos surgiam numa fase de transformação das práticas jornalísticas, respondendo a uma nova conjuntura socioeconômica e política que se anunciava, onde as preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades se encontravam em embrião, fomentando a procura por material de leitura e atualidade capaz de desenvolvê-lo.

Nesse sentido, as publicações literárias gestaram-se nesse contexto social, especializando-se progressivamente no atendimento dessas novas necessidades. Nessa linha, o surgimento desta imprensa literária insere-se num processo de desenvolvimento cultural da cidade de Fortaleza, no qual as diversas agremiações artísticas que se formavam desempenhavam significativo papel na demonstração de que a “porta de entrada” da Província era bafejada pelos princípios básicos da civilização, conforme os padrões europeus.

O Ceará não podia eximir-se à proliferação das academias, arcádias ou agremiações literárias em voga na Europa desde o século XVII e no país desde o século XVIII. Além disso, há outro motivo que também explica o aparecimento dessas sociedades na província: não havia no Ceará nenhum estímulo às produções intelectuais e artísticas bem como à publicação de livros. Sendo assim, intelectuais reuniam-se em agremiações em Fortaleza, tendo como intuito promover a fermentação de ideias, o gosto artístico e, principalmente, a formação de um público leitor. Para tanto, lançavam jornais e revistas em que publicavam os mais diversos tipos de textos que além de sanar os problemas relacionados com as dificuldades eventuais de edição da obra em volume, também era uma interessante oportunidade de lançar uma espécie de balão de ensaio, através do qual poderiam sondar a aceitação do público.

O estudioso cearense Leonardo Mota (1938, p. 4-7), num trabalho sobre a Padaria Espiritual, apontou, em ordem cronológica, 37 sociedades intelectuais que surgiram entre os anos de 1870 e 1900 no Ceará: Fênix Estudantil (1870), Academia Francesa (1873), Gabinete Cearense de Leitura (1875), Gabinete de Leitura - Baturité (1875), Instituto Histórico e Geográfico Cearense (1877), Gabinete de Leitura - Aracati (1879), Associação Literária Uniense - União (1879), Gabinete de Leitura - Granja (1880), Recreio Instrutivo (1881), Gabinete de Leitura - Pereiro (1883), Club Literário Cearense (1884), Gabinete de Leitura - Campo Grande (1884), Sociedade Rocha Lima (1884), Grêmio Literário (1885), Gabinete de Leitura - Ipú (1886), Club Literário (1887), Instituto do Ceará (1887), União Cearense - Baturité (1887), Sociedade Ensaio Literários (1887), Club Literário e Recreativo Ipuense (1887), Gabinete de Leitura - Barbalha (1889), Sociedade União e Concórdia (1890), Club Literário e Democrático - Porangaba (1890), Biblioteca 16 de Novembro -

Baturité (1890), Sociedade Silva Jardim (1892), Sociedade José de Alencar (1892), Sociedade Literária 11 de Janeiro - Cariri (1892), Padaria Espiritual (1892), Centro Literário (1894), Academia Cearense (1894), Congresso de Ciências Práticas (1894), Apostolado Literário - Baturité (1894), Congresso Estudantil (1895), Club Literário e Musical Alberto Nepomuceno - Quixadá (1895), Club Adamantino (1898), Iracema Literária (1899), Boemia Literária (1899), Romeiros do Porvir - Crato (1900).

Até 1870, o Ceará ainda não possuía uma associação de relevo. Para Mota, o precursor dos idealizadores das associações foi Rocha Lima:

Não hesito em apontar em Rocha Lima o verdadeiro precursor dos ideadores da socialização de nossos letrados. O, mais tarde, autor de "Crítica e literatura" tinha jeito para controlar inteligências. Em 1870, com João Lopes e Fausto Domingues, ele fundara a "Fênix Estudantil", que era um sodalício de rapazelhos, de vez que Rocha Lima tinha, então, 15 anos, João Lopes 16 e Fausto Domingues 19. Note-se: quem, um triênio depois, daria na famosa "Academia Francesa", provas de ferrenho agnosticismo, começará pondo a "Fênix Estudantil" sob o patrocínio de São Luiz de Gonzaga [...] (MOTA, 1938, p. 11).

O crítico José Veríssimo, no capítulo "A literatura provinciana", de sua obra *Que é literatura? e outros escritos*, ao fazer referência à Academia Francesa do Ceará, à Padaria Espiritual, ao Centro Literário e à Academia Cearense, também cita Rocha Lima e seu grupo como precursores. Escreve o crítico que nas décadas de 70 e 80 do século XIX, quando ocorreu um "movimento espiritual" em todo o Brasil, o Ceará também teve o seu grupo literário, dirigido principalmente para a crítica e a renovação filosófica de Comte, Spencer, Taine e Renan:

Foram dele Capistrano de Abreu, Tomás Pompeu, Virgílio Brígido, o malogrado Rocha Lima e outros, que apenas namoraram as letras, sem com elas se casarem. Publicaram efêmeros jornais literários, folhetos e não sei se algum livro. Mas lançaram, na terra árida, a semente que frutificou na Padaria Espiritual, na Academia Cearense, onde Pompeu continua a trabalhar, no Centro Literário. E não é muito dizer que talvez seja depois do Rio o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária e maior a produção. É considerável o que eles têm publicado de livros de versos nestes últimos anos [...] (VERÍSSIMO, 1907, p. 113-14).

No Ceará, como já foi dito, foi mediante a ação dessas associações, revistas e jornais literários, que lhe serviram de órgãos, que as letras cearenses se expandiram, fecundaram e frutificaram. Dentre estas sociedades algumas tiveram existência curta e efêmera, outras longa e intensa, como é o caso da Academia Francesa, Gabinete

Cearense de Leitura, Club Literário, Instituto do Ceará, Padaria Espiritual, Academia Cearense, Centro Literário, dentre outras.

A Academia Francesa, fundada em 1872 por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xilderico de Faria, João Lopes e Tomás Pompeu Filho, parece ter sido fruto da viagem de Rocha Lima, em 1871, a Pernambuco. Nesta época, estava em plena efervescência crítica e filosófica a Escola do Recife, cujo principal representante era Tobias Barreto. Imbuído de novas ideias adquiridas durante a temporada pernambucana, ao voltar para o Ceará, procurou propagá-las, para tanto criou um centro cultural de onde pudesse irradiá-las e torná-las fecundas. Desse modo, nasce a Academia Francesa que, influenciada pelas inovações europeias do último quartel do século XIX movidas pelo progresso, ciência e tecnologia, combateu os setores tradicionais da sociedade cearense, como a Igreja, e questionou questões complexas da realidade da época como o atraso intelectual, o ajustamento social à ordem industrial-civilizatória oriunda dos países europeus, o progresso, o trabalho e a educação.

No dia 02 de dezembro de 1875, surge o Gabinete Cearense de Leitura, um centro de estudo com quase dois mil volumes, sendo algumas obras raras, que criou um curso de conferências públicas, aulas de língua e ciências e um curso noturno de instrução primária (BARREIRA, 1948). Fizeram parte do Gabinete Cearense Rocha Lima, Tomás Pompeu, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, João Lopes, Xilderico de Faria, Clóvis Bevilacqua, Antônio Martins, Guilherme Studart e Paula Nei. Tendo como interesse principal a formação de um público leitor na província, o Gabinete também proporcionou um alargamento do domínio cultural dos cearenses bem como um aumento do interesse literário. Procurando explicar a inclusão dos gabinetes de leitura entre as sociedades literárias, diz Mota que “[...] essa inclusão se justifica, não apenas pelo real impulso por eles trazido à criação literária, com o disciplinar de vocações que desabrocham, mas também porque tais gabinetes valem por associações regularmente organizadas e orientadas quase sempre por espíritos de prol” (MOTA, 1932, p. 08). O Gabinete extinguiu-se em 1886 e sua valiosa coleção foi doada à Biblioteca Pública do Ceará.

Fundado em 15 de novembro de 1886, o Club Literário, cujos principais membros eram João Lopes, Antonio Bezerra, Antonio Martins, Oliveira Paiva, José Olimpio, Abel Garcia e José de Barcelos, contou com a colaboração de nomes importantes como Juvenal Galeno, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Justiano de Serpa, Xavier de Castro e Francisca Clotilde (BARREIRA, 1948). Reunindo apenas intelectuais dados às Letras, o grupo tinha por fim promover a ascensão intelectual de seus associados bem como manter um órgão na imprensa, no caso o jornal *A Quinzena*.

Este, que teve trinta números em um ano e meio de existência, veiculou crônicas de João Lopes; contos de Oliveira Paiva, José Carlos Júnior e Francisca Clotilde; ensaios de crítica literária de Farias Brito, José de Barcelos, José Carlos Ribeiro e Abel Garcia; e poemas de Juvenal Galeno, Justiano de Serpa, Martinho Rodrigues, Rodolfo Teófilo, Francisca Clotilde, Antônio Sales, Xavier de Castro, Virgílio Brígido, José Olímpio, José Martins, dentre outros.

Em 1887, nasce o Instituto do Ceará, que teve como principais componentes Guilherme Studart e Antonio Bezerra. O intuito deste grêmio era o cultivo da ciência, das letras, da história e da geografia; sendo assim, manteve um órgão na imprensa cearense, a *Revista*, através da qual seus componentes publicavam seus textos.

A Padaria Espiritual surge, em 1892, das reuniões de um grupo de rapazes que se reuniam nas mesas do Café Java, um quiosque que ficava no centro de Fortaleza, para falar de literatura. O intuito maior do grupo era despertar nos cearenses, como fora de interesse de outras sociedades literárias, o gosto artístico, principalmente literário. Todavia, como já havia precedentes de sociedades literárias, muitas delas de traços tradicionais, então os integrantes da Padaria Espiritual, em especial seu idealizador, Antônio Sales, decidiram produzir algo original e, se necessário, até mesmo escandaloso, mas que repercutisse entre os cearenses. Desse modo, Antônio Sales deu um nome original ao grêmio, Padaria Espiritual, e, em seguida, elaborou seu inovador programa de instalação, que foi um verdadeiro sucesso. Apesar do espírito jovial e brincalhão dos padeiros, a verdade é que a Padaria Espiritual contribuiu muito para a promoção da literatura cearense. Além de ter lançado o jornal *O Pão*, em que foram publicados vários contos, fragmentos e capítulos de romances, crônicas, poemas e textos de crítica literária, também foi a responsável pela publicação de um número considerável de livros.

A Academia Cearense de Letras nasce em 1894 e apresenta três fases. De acordo com Barreira (1948), seus fundadores foram: Tomás Pompeu, Pedro de Queirós, Valdimiro Cavalcante, Raimundo Arruda, Álvaro Mendes, Farias Brito, Antônio Augusto de Vasconcelos, Guilherme Studart, José Carlos Júnior, Virgílio Augusto de Moraes, J. Fontenele, José de Barcelos, Antônio Bezerra, Francisco Alves, Drumond da Costa, Eduardo Studart, Adolfo Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Franco Rabelo, Benedito Sidou, Antonino Fontenele, Antônio Teodorico Filho, Álvaro de Alencar, Padre Valdevino Nogueira, Henrique Théberge e Justiniano de Serpa. A primeira fase, que apresenta trinta sócios efetivos, inicia-se em 15 de agosto de 1894 e estende-se até 17 de julho de 1922. Reconstituída por Justiniano de Serpa, a segunda fase da Academia vai de 1922 até 1930. Por fim, a terceira tem como marco inicial a década de trinta e chega até os dias de hoje. Uma das condições

imprescindíveis para a admissão como sócio era a publicação de uma obra artística, literária ou científica ou a apresentação de um manuscrito a ser publicado. Os idealizadores da Academia tinham como objetivo estudar novas teorias e adaptá-las ao contexto em que viviam, bem como promover a instrução, sobretudo a profissional. Considerada por Raimundo Girão a mais antiga do Brasil, a Academia Cearense de Letras tem contribuído muito para o florescimento da literatura cearense, seja publicando sua *Revista* ou organizando conferências e cursos.

Em 27 de setembro de 1894, surge o Centro Literário, tendo como sócios fundadores Juvenal Galeno, Viana de Carvalho, Temístocles Machado, Papi Júnior, Álvaro Martins, Luiz Agassiz, Pedro Moniz, Alves Lima, Alfredo Severo, Jovino Guedes, Quintino Cunha, Frota Pessoa, Alcides Mendes, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, José Olímpio, Eduardo Sabóia, Francisco Barreto, Tancredo de Melo, Almeida Braga e Belfort Teixeira (MOTA, 1932). De acordo com Mota (1932), o Centro Literário originou-se do afastamento de Álvaro Martins e Temístocles Machado da Padaria Espiritual. O Centro, que durou dez anos, organizou conferências literárias, editou obras, criou a revista *Iracema*, que lançou durante dois anos inúmeros textos, e prestou auxílio a grupos congêneres.

Após o fim das agremiações citadas, outras surgiram no contexto cearense, bem como seus jornais e revistas, favorecendo o desenvolvimento da arte e da ciência, como é o caso do Grupo Clã, o *Almanaque cearense*, *Revista Moderna*, dentre outros. São muitos os nomes a serem citados, pois a produção intelectual cearense é muito vasta, todavia o mais importante é enfatizar a relevância que esses grupos tiveram na promoção da literatura cearense. Além de servirem como espaço de encontro de intelectuais, em que eram discutidos os mais diversos assuntos, as agremiações lançavam inúmeros escritores e seus livros e disponibilizavam na imprensa jornais e revistas em que publicavam vários gêneros literários. Outro dado importante a ser citado é a preocupação com a formação de um público leitor na província, ou seja, pessoas de gosto apurado que pudessem saborear obras literárias, bem como apresentar posições bem definidas sobre os vários assuntos discutidos no cenário nacional. Para tanto, promoviam conferências, sessões, criavam espaços para leitura e estudo, organizavam revistas e jornais, enfim, lançavam mão dos mais diversos recursos para desenvolver o gosto pela arte, principalmente a arte literária.

Nesse contexto, as folhas literárias cearenses que circularam na segunda metade do século XIX buscaram demarcar o seu território na prática de um jornalismo mais ameno, voltado à erudição e ao entretenimento, em oposição às folhas de caráter opinativo que sustentaram os mais variados embates político-partidários e/ou pessoais.

As iniciativas ligadas ao jornalismo literário estiveram quase sempre

vinculadas às práticas da pequena imprensa, ou seja, eram periódicos em geral de pequeno formato, distribuição não diária, normalmente irregular que apresentavam sérias dificuldades na manutenção de sua circulação, os quais nem sempre eram elaborados em oficinas próprias, dependendo dos serviços de terceiros para serem impressos, como fica descrito em um artigo de abertura do jornal *O Pão* n.º 2, intitulado "Artigo de fundo": "Queremos apenas deixar bem acentuado no espírito do leitor que *O Pão* não saiu há mais tempo por falta absoluta de tipografia que o imprimisse, porque a todas que existem nesta terra pedíamos que imprimissem *O Pão* e todas respondiam que não." (*OPÃO*, n.º 2, 30 de outubro de 1892, p.2). Logo em seguida: "Não é que houvesse da parte delas o propósito de uma recusa ao nosso jornal, que só tem por inimigos a burguesia; mas havia a deficiência de meios com que satisfazer aos compromissos já tomados e imprimir *O Pão*" (*OPÃO*, n.º 2, 30 de outubro de 1892, p.2).

Em geral, eram jornais de confecção artesanal, nos quais um único indivíduo executava as mais variadas funções, desde a elaboração até a distribuição do produto final. Muitas vezes sem empregados, era o próprio proprietário quem se encarregava da redação, da formatação, do trabalho tipográfico e das vendas dessas folhas, como é descrito pelo padeiro Jovino Guedes, ao descrever a venda e também a divulgação do jornal *O Pão*. Aos domingos, os membros da Padaria Espiritual dirigiam-se ao Café Java de posse dos exemplares e os ofereciam a quem passava pelo local:

Após um curto itinerário feito em torno da praça do Ferreira, instalaram-se no Café Java. Fazendo ponto de reduto d'aquele popularíssimo estabelecimento, os padeiros, cada um por sua vez e todos a um tempo, investiam n'uma avidez de faminto a todo simples mortal que passava d'aquelas dependências, e pediam-lhe que, por quem era, comprasse-lhes "*O Pão*". E foi dess'arte que duas horas depois... duas horas!.. achava-se completamente esgotada a edição de 2.496 exemplares do 2. n.º d' "*O Pão*". E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem oferecemos "*O Pão*" o compraram da melhor vontade e com a maior gentileza, a exceção de dois burgueses que tiveram o inaudito desplante de o recusar; um pela imperiosíssima circunstância de não saber ler, outro por se achar muito azoinado (*sic*) de umas malditas horróridas (*OPÃO*, n.º 7, 6 de novembro de 1892, p.1-2.).

Nesse sentido, a imprensa literária também apresentou esse caráter de ser implementada a partir de iniciativas individuais que, apesar dos constantes obstáculos, e, às vezes, das condições precárias, conseguiram manter a circulação de periódicos de razoável qualidade editorial, apesar da pouca perenidade.

Os editores reclamavam também do pouco interesse demonstrado pela

população com relação à leitura de textos literários. Essa falta de interesse foi destacada pelo literato João Lopes, do jornal *A Quinzena*, ao afirmar que:

Se na capital do império, metrópole da civilização sul americana, o meio não é propício às letras e as publicações exclusivamente literárias mal podem, à custa de tenaz e mortificante sacrifício, romper a espessa crosta da indiferença pública para arrastar uma vida penosa e efêmera; na província, aqui por estes recantos do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificante rotineira da vida provinciana, para escrever sobre letras e artes e ciência. Vão assim objetar-nos os *homens práticos*, homens práticos que, por pouco que saibam, sabem belamente sentenciar ex-cátedra que o nosso público é infenso, senão hostil a isso de literatura “que não bota ninguém para adiante”. (*apud* BARREIRA, 1948, p.86).

Durante as reuniões do Club Literário, grêmio responsável pela publicação de *A Quinzena*, os integrantes liam diversos livros, jornais e revistas, e apresentavam palestras sobre diversas áreas do pensamento. Promoviam também conferências públicas em que defendiam a leitura, a literatura e outros ramos do conhecimento.

Tendo como interesse principal a formação de um público leitor no Ceará, o Gabinete Cearense de Leitura, um centro de estudo com quase dois mil volumes, sendo algumas obras raras, criou um curso de conferências públicas, aulas de língua e ciências e um curso noturno de instrução primária, tendo como intuito proporcionar um alargamento do domínio cultural dos cearenses bem como um aumento do interesse pelas questões literárias.

Na instalação do Gabinete Cearense de Leitura, o professor do Liceu e bacharel em Direito, Gonçalves de Almeida Souto, ao descrever os objetivos do novo grêmio, fala sobre a importante e difícil tarefa à qual o grupo se propunha: instruir a população, difundindo o conhecimento através da leitura bem como o gosto pela “cultura das letras”:

O nosso povo, em geral, tem fome e sede de instrução; mas debate-se na impossibilidade quase absoluta de alcançá-la. [...] Em vez da luz, o fumo do carvão de pedra; em vez da fé, o cepticismo, a descrença, a impiedade [...] Não há, porém que desanimar. Se por um lado somos assim tolhidos em nossas mais justas aspirações, aí está a iniciativa particular a tomar sobre si a gloriosa tarefa de animar e difundir a instrução, proporcionando a leitura dos bons livros; aqui estais vós que, neste momento, lavrais um solene protesto contra essa indiferença que nos espinha, é verdade; mas que nunca será capaz de arrefecer em nós – os cearenses – as tendências para os grandes comedimentos. (STUDART, 1924, p.224)

Concluindo seu discurso, apresenta a função do Gabinete Cearense:

Sim, meus senhores, a inauguração deste estabelecimento literário é um fato que muito depõe em favor da nossa terra, onde ainda há homens que bem merecem dela, criando um foco de instrução para muitos dos seus filhos, e plantando o gosto pela cultura das letras. (STUDART, 1924, p.224)

O escritor Adolfo Caminha também comenta sobre a falta de leitores em uma de suas crônicas ao dizer que: “A capital do Ceará, encantadora como uma pérola do Oriente, bela como a conheceis, é, entretanto, uma cidadezinha sofrivelmente atrasada com laivos de civilização. Se temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem.” (O Pão, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 1)

A falta de leitores que tanto assustava e irritava os intelectuais do período, não escapou a Sívio Romero, que escreveu o seguinte nas páginas de sua *História da literatura brasileira*:

No meio de tudo isto, quem entre nós escreve e quem entre nós lê? Não são, de certo, os lavradores, os negociantes, os criadores, os industriais, os políticos nem os administradores. Somente as classes acadêmicas e alguns empregados públicos saídos dessas classes. É a regra geral. (ROMERO, 1924, 96-97)

As considerações do intelectual sergipano aplicam-se inteiramente ao caso cearense. Os inúmeros conflitos políticos, econômicos e sociais pelos quais a Província passou, aliados ao primitivo desenvolvimento dos centros urbanos, devido à força do campo na economia, atrasaram o surgimento de manifestações significativas no campo intelectual, não permitindo uma maior expansão cultural e a formação de leitores. Soma-se a isso a inércia cultural e a falta de escolas adequadas.

Deparando-se com um incipiente público leitor, algo que preocupava e muito os integrantes das agremiações literárias da época, dando continuidade a uma tradição que já se encontrava em vários jornais do período, os redatores dos periódicos cearenses procuraram adquirir, através de seus textos, novos leitores. Cientes das limitações do meio e da necessidade de cativar os leitores aos poucos, suavemente, procuraram lançar mão de textos simples, de uma linguagem sedutora e digestiva que despertasse o interesse do leitor tanto pela leitura do texto ficcional como do de crítica publicados nas páginas dos jornais. Dentre os recursos mais utilizados estão a crônica e o noticiário literário. No primeiro gênero, ironia, polêmica, crônica ligeira misturavam-se a pequenas considerações de ordem literária, desse modo, transmitindo, indiretamente, informações literárias aos leitores. O segundo caracteriza-se por informar o público sobre a existência de autores e obras literárias, procurando despertar

sua curiosidade para a leitura das mesmas, ao mesmo tempo em que aumentava seu restrito conhecimento literário.

A partir da leitura dos textos publicados nos periódicos do período, verifica-se que estes tinham o intuito de renovar o pensamento da sociedade leitora à qual se dirigiam, com a intenção de fazê-la perceber a importância do escritor e dos estudos em geral para o desenvolvimento e crescimento intelectual da região. É possível observar, também, o comprometimento cultural e social que a crítica, bem como a literatura e as artes, mantinham com a sociedade no final do século XIX.

O caráter artesanal e a impossibilidade de contratação de pessoal para a realização das diversas tarefas, ficando sobrecarregados os proprietários, foram outros fatores que limitaram a ação da imprensa literária. A impossibilidade de manter uma circulação regular foi um dos elementos motivados por aqueles fatores, ocorrendo, diversas vezes, a interrupção das edições.

Apesar das dificuldades, as folhas literárias se espalhavam pela Corte e pelas províncias, servindo à difusão cultural, além de proporcionarem entretenimento ao público leitor. Nesse quadro, o desenvolvimento da literatura cearense do século XIX esteve intimamente vinculado ao aparecimento da imprensa e dos grêmios literários, pois os periódicos, em sua maioria lançados por essas agremiações, tiveram efetiva influência na produção literária da Província e na sua conseqüente divulgação, uma vez que os principais autores cearenses recorriam aos jornais e revistas, devido às grandes dificuldades que encontravam para a publicação e difusão de suas obras. Foram divulgados nesses jornais literários trabalhos dos mais representativos autores cearenses: romances, contos, poesias, correspondências e textos críticos. Assim, esses elementos difusores tiveram fundamental importância para o enriquecimento cultural da província, permitindo uma maior popularização da incipiente literatura local e regional.

De acordo com Barreira (1948, p.59), “a evolução das letras no Ceará se fez, quase sempre, preponderantemente, em torno das associações, academias ou grêmios literários e de seus órgãos especiais”, ou seja, seus jornais e revistas. Ocorre que muitos desses periódicos permanecem no esquecimento, intocados pela crítica e teoria literárias e depositados em bibliotecas particulares. Lançar luzes sobre eles pode significar rearticular visões sobre diferentes momentos da história da literatura cearense, estabelecer novas cronologias, reestruturar conceitos como influência e origem, evidenciando que o espaço cultural apresenta-se com fronteiras móveis, que podem ser redesenhadas pelo olhar do crítico, pela reflexão teórica sobre os atores colocados em cena pelo trabalho de descoberta e pesquisa.

NOTAS

¹ Professora Assistente Doutora - Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, Campus Jacarezinho. E-mail: lbrito@uenp.edu.br.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

MONTENEGRO, Abelardo. *O romance cearense*. Fortaleza: Tipografia Royal, 1953.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Padre Mororó: a revolução impressa*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edésio, 1938.

O PÃO, Fortaleza-CE: Edições UFC/Academia Cearense de Letras/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. (Edição fac-similar)

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

STUDART, Guilherme (Barão de). *Datas e fatos para a história do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1924.

VERÍSSIMO, José. *Que é literatura?* e outros escritos. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907.